

## **ENTREVISTA**

### **NARRATIVAS HISTÓRICAS EM DISPUTA: o Ensino de História em tempos de crise, entrevista com a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Meneguello**

**Entrevista concedida à**

Equipe editorial da Revista Espacialidades<sup>1</sup>

Entrevista recebida em: 1/02/2021

Aceita em: 29/03/2022

Uma década depois de conceder sua primeira entrevista à Espacialidades (Volume 4, na qual discutiu o patrimônio histórico urbano), a professora Dr<sup>a</sup> Cristina Meneguello retorna com uma nova missão: analisar o ensino de história em tempos de crise. Formada pela História pela Universidade Estadual de Campinas (a UNICAMP), onde concluiu o doutorado em 2000, na modalidade doutorado-sanduíche na Universidade de Manchester (Reino Unido). Atualmente é docente do departamento de História da UNICAMP, onde atua nas áreas de História Contemporânea, Cultura Visual, Divulgação Científica, do Ensino de História e na de Preservação do Patrimônio. Desde 2009, ela coordena a aplicação das Olimpíada Nacional em História do Brasil para escolas públicas e particulares, que, em 2022, realizará sua 14<sup>a</sup> edição, se consolidando no calendário do Ensino Básico de História no Brasil, atraindo o entusiasmo de alunos e professores de todas as regiões do país. Aqui, em entrevista concedida por escrito à equipe editorial da Espacialidades, a professora dialoga com suas áreas de interesse, sua experiência na olimpíada e projeta expectativas para o ensino de História.

---

<sup>1</sup> A equipe editorial da Revista Espacialidades (formação do volume 18.1) é composta por: Editora Responsável Dr<sup>a</sup> Fabíula Sevilha; Editores: Andressa Freitas dos Santos, Ana Lunara da Silva Moraes, Cid Moraes Silveira, Francisco Leandro Duarte Pinheiro, Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho, Khalil Jobim, Matheus Pinheiro da Silva Ramos, Rafael Fiedoruk Quinzani, Rannyelle Rocha Teixeira, Talita Alves da Cruz e Tyego Franklim da Silva.

\* \* \*

**Espacialidades:** Professora Cristina Meneguello, antes de tudo, a Revista Espacialidades gostaria de agradecer a senhora por ter aceitado o convite para ser a nossa entrevistada nesta edição, que conta com o dossiê temático Espaços do Educar: conhecimento histórico e Ensino de História. Dito isto, não é a primeira vez que você concede uma entrevista para a Espacialidades. Dez anos atrás, a senhora nos concedeu uma entrevista na qual relatou um pouco de sua trajetória acadêmica. Gostaríamos que a senhora nos contasse que direção tomaram os seus interesses acadêmicos desde a sua última entrevista para este periódico?

**Cristina:** Agradeço muito esse convite de vocês. Graças a ele, fui reler a entrevista concedida há mais de 10 anos, e foi uma experiência muito interessante ver que pude aprofundar reflexões que naquele momento eram quase “intuições de pesquisa”. Do mesmo modo, temas que me mobilizavam continuam hoje igualmente relevantes para mim, em especial o do patrimônio e o da divulgação científica. Naquele momento, eu estava ainda nos anos iniciais do que hoje é um projeto muito sólido de ensino de história e de divulgação científica, a Olimpíada Nacional em História do Brasil, que está em sua 14<sup>a</sup> edição. Já em termos de minhas pesquisas, nessa última década prossegui com minha reflexão sobre patrimônio e patrimônio industrial, mas adentrei no que tenho estudado com interesse a ponto de virar o tema de minha tese de livre docência, que pretendo defender em breve: os assim chamados patrimônios difíceis, as memórias da dor, a dimensão do trauma dentro das práticas da rememoração e da comemoração. Se fosse fazer uma autoanálise, diria que, como pesquisadora, intensificou-se em mim uma visão trágica da história.

**Espacialidades:** Vivemos um momento marcado pela explosão das narrativas sobre o passado. Várias dessas narrativas são fundamentadas, muitas vezes, no senso comum, questionando as interpretações produzidas pela pesquisa

histórica. Levando-se em conta os impactos políticos e sociais suscitados por esses usos do passado por diversos grupos sociais, como a senhora vê o papel do historiador e da historiadora dentro desse cenário de múltiplas narrativas?

**Cristina:** Um papel cada vez mais fundamental e, ao mesmo tempo, muito disputado. Quando digo disputado, refiro-me ao lugar de autoridade da pesquisa histórica que é desafiado pelos negacionismos, pelas fake-news ou por projetos políticos muito nefastos, como o Escola sem Partido (e não tenha dúvida de que esse projeto tem partido). Os professores da Educação Básica sentem isso na pele, quando confrontados por seus alunos -ou por familiares de alunos - com base em materiais retrógrados que circulam nas redes sociais. Estou orientando um mestrado do Profhistoria (Mestrado Profissional em Ensino de História) de autoria de Pedro Zarotti, professor que fez um levantamento inédito com mais de 80 professores de história que narraram como suas salas de aula se tornaram uma arena de luta quando os temas são a escravidão, o racismo ou a ditadura militar no Brasil. Iniciativas como Brasil Paralelo fomentam um revisionismo pernicioso. A história deixa de ser entendida como uma ciência com princípios e métodos e é tratada como “opinião”. É isso, o conhecimento histórico está sitiado. Nesse cenário, o historiador (e aqui entendo incluso aquele que ensina história) torna-se cada vez mais necessário.

Os historiadores acadêmicos começaram a se mover (lentamente, é verdade) para fora de suas zonas de conforto e a tentar falar a públicos mais amplos, ou, ainda melhor, a públicos diferentes daqueles a que estavam acostumados. Mas há muitas iniciativas louváveis em curso nesses últimos 15 anos. Quando ouço as pessoas dizerem “ninguém faz nada”, já penso imediatamente, dentro da minha cabeça: “ninguém faz nada ou é você que está muito desavisado sobre o que as pessoas estão fazendo”? Porque há muitas ações interessantes acontecendo, por parte da história profissional e da divulgação científica, principalmente nas redes sociais mas não apenas nelas: blogs científicos, sites e portais de história de associações científicas, podcasts, canais de youtube com aulas e entrevistas... Tenho feito um esforço constante de mapear essas atividades, mesmo as que foram descontinuadas. É fato que nas plataformas

negacionistas investe-se muito dinheiro, mas há a força rizomática da pulverização de ações. Se os próprios historiadores não derem visibilidade ou acharem que estão sempre “fazendo algo a partir do zero”, essa força diminui.

**Espacialidades:** A questão do patrimônio tem sido nas últimas décadas bastante discutida, principalmente por trazer à tona problemáticas referentes à memória. “Os patrimônios difíceis”, ou seja, aqueles ligados a memórias e a eventos traumáticos, são emblemáticos dentro desse debate. De que maneira, para a senhora, o trabalho com esses “patrimônios difíceis” pode ser importante no ensino de história? Como o(a) docente pode utilizar esses espaços não formais de educação para o debate público e a construção coletiva de narrativas sobre passados difíceis?

**Cristina:** Esse é um tema fascinante, porque nos obriga a abandonar percepções ingênuas do patrimônio como fruto da beleza e do consenso e a entender o caráter múltiplo e tenso das formas pelas quais perpetuamos as sobrevivências do passado, material ou imaterialmente. O ensino de história pode e deve se valer dessa dimensão para tratar da exclusão, da segregação, da injustiça e da reparação; é uma porta de entrada para o debate sobre os direitos humanos em sala de aula. Imagine como pode ser interessante para um professor escolher, na cidade onde ensina, um espaço como um hospital, manicômio, leprosário, prisão, espaço clandestino usado durante o regime militar ou ainda outros locais para trazer esses debates para a sala de aula? A compreensão do outro, a empatia, a política como lugar do debate, todos tem a ganhar com esse trabalho, que não pode ser leviano ou superficial. Ainda, escolher um evento traumático ocorrido numa localidade e reconstruí-lo com diferentes documentos e relatos, podem abrir ao professor novas possibilidades. Tenho visto muitas iniciativas assim na Educação Básica, resultando, por exemplo, em pequenos documentários realizados pelos próprios estudantes. Os ganhos são muitos. Quanto mais nos afastarmos de um discurso que vê o patrimônio como celebração do consenso e nos movermos em direção à problematização do passado e das formas pelas quais rememoramos, mais possível será a construção coletiva do passado das sociedades.

**Espacialidades:** Com base em sua experiência no campo da história do patrimônio material edificado e nas suas discussões sobre o ensino da história, de que modo professores e professoras de história podem abordar os espaços urbanos, ainda que nas pequenas cidades, para proporcionarem às alunas e alunos uma apropriação mais efetiva dos conteúdos históricos?

**Cristina:** Bem, para essa resposta, poderíamos montar um curso inteiro! Ressalto que muitas professoras e professores já fazem essas atividades, de reconhecimento do espaço dos arredores das escolas, do bairro, de visita a prédios considerados “mais importantes” na cidade, a museus locais, aos antigos centros urbanos, ou na análise de algum monumento público. Abordar os espaços urbanos é uma forma fazer com que os estudantes se reapropriem das cidades onde vivem (não importa se uma capital, grande cidade ou vilarejo). Voltar a ver e a enxergar o espaço urbano que caso contrário atravessamos, por exemplo, com os olhos presos a uma tela de celular, é fundamental. É preciso reaprender a olhar o urbano, as relações entre edifícios, corpos e carros, as marcas das propagandas e das pichações, os diferentes usos que um mesmo prédio ou praça tiveram através do tempo. Vejo com preocupação como as cidades deixaram de ser enxergadas, entendidas, mapeadas, fotografadas, recontadas por meio de mapas mentais.... todos esses que acabei de mencionar são exercícios válidos na apreensão dos espaços urbanos e de suas temporalidades e camadas de significados.

**Espacialidades:** A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) conquistou o segundo lugar no Prêmio Péter Murányi 2021-22, na edição “Educação”, como reconhecimento ao projeto “Dicionário Excluídos da História”. O dicionário resultou do trabalho realizado pelos participantes da 11ª edição da ONHB (2019), que escreveram a respeito de personagens negligenciados pela historiografia tradicional. Gostaríamos que a senhora discorresse a respeito do processo de elaboração desse projeto e falasse sobre

o seu resultado, sobre como o projeto repercutiu, especialmente entre professores(as) e estudantes.

**Cristina:** Foi a primeira vez em que decidimos dar à sociedade o privilégio de conhecer as tarefas que as equipes olímpicas, compostas por 3 estudantes e a professora ou professor de história, realizam todos os anos na Olimpíada. Cada ano é um desafio diferente. No ano de 2019, muito se falou sobre personagens excluídos ou esquecidos pela historiografia nacional. O debate foi impulsionado pelo samba vencedor do Carnaval daquele ano, da Mangueira (Histórias para Ninar Gente Grande), cuja letra também analisamos em nossa prova. A partir dessa primeira ideia, desafiamos os participantes a criarem 4 páginas imaginadas de um livro de história, acrescentando um personagem que não encontravam em seus livros didáticos e que achavam que mereciam estar mencionado. Não direcionamos nem demos uma lista de nomes: deixamos estudantes e seus professores escolherem. Alguns nomes apareceram muitas vezes; outros, uma única vez. Isso também é uma forma de trabalhar com os olímpicos e seus professores a escolha, o recorte, e como uma mesma trajetória de vida pode ser narrada de diferentes modos. Quer melhor experiência para emular a experiência da escrita da história? Em seguida criamos um template para as equipes utilizarem, em que colocavam uma imagem da personagem escolhida (fotografia, gravura ou desenho); um esboço biográfico e uma explicação da relevância percebida por eles. Ainda, o projeto contava com uma foto representando a equipe elaboradora e com um mapa automaticamente gerado indicando a que estado pertencia o sujeito histórico selecionado. Essa interface, criada pela Preface Design, nossa parceira desde a primeira olimpíada, recebeu o prêmio Brasil Design Awards. Ou seja, o projeto ficou tão incrível que decidimos, pela primeira vez, publicá-lo. Transformamos as páginas dos livros em verbetes, pesquisáveis por data, nome, estado. Nasceu assim o Dicionário Excluídos da História.

Pincei a expressão “Excluídos da História” da publicação, em 1988, da tradução da coletânea de onze textos da historiadora francesa Michelle Perrot, no Brasil intitulada

de “Os Excluídos da História” A autora trazia um novo olhar para sujeitos da história que eram muitas vezes deixados de lado – a classe operária, as mulheres e os prisioneiros. Mas ressalto que, de fato, essas pessoas não eram excluídas da história, mas sim excluídas das narrativas da história, por escolhas que as tornavam invisíveis ou pouco importantes, narrativas essas que celebravam e criavam heróis e acontecimentos ao mesmo tempo invisibilizando outros sujeitos historicamente igualmente importantes. Esse resultado recebeu o segundo lugar do prestigioso prêmio Péter Murányi 2021-22 – Educação, e continua disponível para consulta em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/>.

**Espacialidades:** O estabelecimento de uma Olimpíada Nacional em História do Brasil convida a uma série de reflexões sobre o Ensino de História. Uma destas reflexões é se o estímulo a vencer a Olimpíada pode acabar contribuindo para a formação de um cidadão que valorize demasiadamente o competitivismo e que se torne, neste sentido, despreocupado das lutas sociais coletivas de seu tempo. A quais reflexões a senhora tem chegado a este respeito? Em que outros aspectos sua experiência com a Olimpíada Nacional de História do Brasil tem contribuído para pensar o Ensino de História?

Discordo totalmente dessa avaliação que vê as olimpíadas de conhecimento como incentivos ao competitivismo. Esta é uma avaliação ultrapassada ou mal-informada. Tenho sinceras dúvidas de que qualquer um que tenha seriamente participado da Olimpíada de História, como professor ou aluno, afirme que ela “valorizou o competitivismo”. No início do projeto, nos anos 2009, 2010, ouvi esses comentários de quem não conhecia o projeto, de quem só conhecia outros projetos de olimpíadas ou de quem nunca havia participado.

Nos últimos anos, teses e dissertações tem sido escritas analisando a ONHB e sua efetiva contribuição para a formação dos estudantes; para a melhoria de seu nível de leitura e compreensão e para o avanço de sua capacidade de escrita; para a formação continuada dos professores participantes; para a abordagem de temas insurgentes, em sala de aula, trazidos pelas questões; para a renovação de práticas de avaliação, entre

outras. Leio esses estudos com muito interesse, aprendo com eles, revejo em que podemos melhorar. O que esses estudos ressaltam é que o projeto da Olimpíada de História é realizado por equipes de alunos em partilha com os professores, há um cuidado com a construção das respostas e do conhecimento histórico, há troca de informação, consulta a materiais durante toda a prova, cada fase dura uma semana - ou seja, ninguém precisa saber a resposta de antemão. Em resumo: os princípios pedagógicos que estão na base da ONHB garantem que ela seja uma experiência de aprendizagem e partilha em história. E aquele que estuda história de forma colaborativa torna-se um cidadão crítico ligado às questões de seu tempo e de sua realidade; está no caminho para se tornar um cidadão pleno.